

Museu de Arqueologia e Etnologia

Salvador | out/nov de 2012 | Informativo bimestral | Número 1 | Ano 1 | www.mae.ufba.br



Museu de Arqueologia e Etnologia: Preparativos para os 30 anos

O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia encontra-se localizado no sítio arqueológico constituído pelos vestígios arquitetônicos do antigo Real Colégio dos Jesuítas, fundado por religiosos da Ordem Jesuítica no século XVI.

O período de construção do edifício estende-se dos fins do século XVI até a segunda metade do XVII e a sua utilização como colégio jesuítico termina com a expulsão desta ordem religiosa em 1759. Pouco tempo após a saída dos jesuítas a edificação veio a abrigar um Hospital Militar e no início do século XIX se instalou a Escola de Cirurgia da Bahia, a primeira deste tipo no Brasil. Em fins do século XIX a edificação teve sua porção superior demolida e a inferior em grande parte soterrada, que veio a ser redescoberta a partir de 1975.

Os espaços evidenciados pela remoção do entulho receberam o tratamento arquitetônico apropriado para ser instalado o MAE, inaugurado em 27 de setembro de 1983. A exposição de longa duração deste museu está disposta em três das quatro alas que formavam um pequeno pátio com cisterna.

Nestas exposições são apresentadas as coleções frutos de investigações de pesquisadores das áreas de Arqueologia e Etnologia da Bahia e do Brasil. São as coleções arqueológicas de Valentin Calderón, Vital Rego, Carlos Ott, Praça da Sé, Piragiba, Associação de Arqueologia e Pré-história da Bahia, e etnológicas Pedro Agostinho, Tuxá, Pankararé, Waujá, esta última coletada

pelos pesquisadores Aristóteles Barcelos e Maria Ignês Mello. Estes salvamentos arqueológicos e coletas são apresentados por meio de exposições de longa e curta duração, e itinerantes.

Com inúmeras ações realizadas e em curso, incentivo e apoio da UFBA, da sociedade civil, empresas e governos o MAE vem buscando o aperfeiçoamento junto aos diversos públicos. Ressalta-se que no ano de 2006 este museu aprovou junto a Petrobras Cultural o Projeto de Requalificação da Exposição de Longa Duração. Este projeto atualiza os conteúdos, disponibilizando-os a partir de diferentes suportes e favorece criativas mediações, permitindo um melhor entendimento sobre os grupos étnicos apresentados.

Com a requalificação da exposição de longa duração, este museu vivenciará em 2013 seus 30 anos de existência e forte contribuição à sociedade. Estão entre as ações: pesquisa, preservação e conservação do acervo, projetos de extensão, mediação junto à diferentes públicos, criação de suportes gráficos sobre os conteúdos da instituição e pesquisas de graduação e pós graduação.

Logo, 2013 será um ano de grande importância para intensificar atividades que promovam o conhecimento, o lazer e a curiosidade junto a crianças, jovens e adultos, dentro e fora de Salvador, buscando relacionar reflexões e ações sobre as contribuições e problemáticas das populações indígenas da Bahia e do Brasil. Que venha os 30 Anos!

Editorial

Como comemoração de seu aniversário, o Museu de Arqueologia e Etnologia lança a 1ª edição do Boletim Informativo do MAE/UFBA. Nesta edição comemorativa, comentamos sobre os preparativos para os 30 anos da instituição em 2013, e apresentamos as coleções arqueológicas e etnológicas do museu. A cada edição serão destacadas duas peças do acervo para que o público fique por dentro da história dessas peças. Neste boletim falamos sobre a lâmina de machado que representa a marca do MAE. Notícias e curiosidades da história também figuram o nosso boletim, neste, nós comentamos sobre a Igreja da Sé. Uma boa dica de leitura nas áreas de Antropologia e Museologia está em destaque nesta edição, o livro *Baía de Todos os Santos* da EDUFBA.

Esperamos que apreciem a leitura!
Museu de Arqueologia e Etnologia

Sobre o MAE

O processo museológico do MAE está amparado no tripé pesquisa, preservação e comunicação, que ocorrem simultaneamente por meio de ações culturais e educativas. A **Pesquisa**, alicerce de todo o trabalho museológico, permite o desenvolvimento de conteúdos para exposições, visita mediada, oficinas e cursos de extensão, projetos acadêmicos de graduação e pós graduação, aperfeiçoamento da documentação museológica, criação de suportes gráficos diferenciados para crianças, jovens e adultos. A **Preservação** ocorre por meio de acompanhamento de cada objeto e sua trajetória na instituição, o que gera a atualização constante da documentação museológica, higienização e conservação do acervo exposto e na Reserva Técnica, ações de fomento/divulgação dos acervos e demais memórias das pesquisas. A **Comunicação** se faz nas aulas temáticas para estudantes de 1º e 2º grau, universitários e estrangeiros visitantes e pesquisadores, na criação de suportes gráficos para fomentar intercâmbios, e na divulgação e conscientização junto às diferentes públicos da importância dos patrimônios culturais materiais e imateriais das sociedades indígenas.

Estas e demais ações fazem deste museu universitário, com quase 30 anos, uma contribuição na formação de estudantes do 1º e 2º grau, bacharéis, mestres e doutores em diferentes áreas, sempre com o objetivo de socializar e democratizar o conhecimento acadêmico, fomentando novos públicos para os museus.



Em foco

5º Prêmio Mario Pedrosa vai selecionar trabalhos jornalísticos sobre museus

No dia 03 de setembro, foi publicado, no Diário Oficial da União, o concurso público da 5ª edição do Prêmio Mario Pedrosa – Museus, Memória e Mídia, que consiste na seleção e premiação de trabalhos jornalísticos publicados no Brasil em torno do tema Museus. O prêmio integra o Programa de Fomento aos Museus Ibram 2012.

Podem ser inscritos conteúdos publicados entre 11 de outubro de 2011 e 10 de setembro de 2012, nos diversos veículos de mídia brasileiros – como jornais, periódicos, revistas, internet, além de rádio e televisão. Serão selecionados até quatro trabalhos, que receberão entre R\$ 10 mil e R\$ 5 mil cada.

O prazo para a realização das inscrições nesta edição do prêmio é até às 23h30 do dia 31 de outubro de 2012 (horário de Brasília). As inscrições devem ser realizadas através do Sistema SalicWeb – disponível na página do Ministério



da Cultura e do Instituto Brasileiro de Museus.

Os veículos de comunicação que publicaram os trabalhos jornalísticos vencedores receberão, por parte do Ibram, certificado de menção honrosa pela contribuição à memória nacional. Saiba mais sobre o Prêmio Mário Pedrosa no link:

<http://www.museus.gov.br/premios-e-editais/programa-de-fomento-2012/premio-mario-pedrosa/>

Fonte: Ascom/Ibram

Ficha Técnica



Museu de Arqueologia e Etnologia/UFBA

Direção

Carlos Caroso

Museólogo

Antônio Marcos Passos

Restauração

Mara Lúcia C. Vasconcellos (Restauradora)
Celina Santana (Técnica de Restauração)

Corpo Funcional

Edmilson Ribeiro (Porteiro)
Geovane Hilário da Silva (Eletricista)
Helio Cerqueira Sousa (Porteiro)
Alice Gomes (Assistente de Administração)
Izania Santos (Assistente de Administração)
Regina Lemos (Secretária Administrativa)

Corpo Técnico de Nível Superior

Débora Rangel (Bacharel em Turismo)

Estudantes Bolsistas

Aline Souza (Museologia)
Aila Canto (Museologia)
Anne Alencar (Ciências Sociais)
Priscila de Almeida (História)
Maiara Dias (Ciências Sociais)

Redação

Alice Meira Gomes
Antônio Marcos Passos

Diagramação

Alice Meira Gomes

Terreiro de Jesus, s/n, Prédio da Faculdade de Medicina da Bahia - Pelourinho. 40025-010. Salvador-BA. Tel.: 71 3283-5530

mae@ufba.br | www.mae.ufba.br

Acontece no Museu: Projeto de Extensão do MAE

O MAE está realizando em 2012 o Projeto 'O Museu vai a Escola': Museu de Arqueologia e Etnologia em Escolas e Colégios de Salvador, sob a coordenação do Prof. Dr. Carlos Caroso, apoio do museólogo Antonio Marcos de Oliveira Passos e bolsista Maiara Diana Amaral Pereira, estudante de Ciências Sociais da UFBA.

Este projeto faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão Universitária da Pró-Reitoria de Extensão, e tem por objetivo propiciar à instituição um instrumento formulacional de política de iniciação à extensão para alunos de graduação.

O Programa também visa: ampliar e fortalecer a interação da UFBA

com a sociedade; estimular uma maior articulação da extensão com o ensino e a pesquisa; contribuir para a formação cidadã dos participantes; estimular professores e pesquisadores a envolverem alunos de graduação nas atividades de extensão; proporcionar ao bolsista, orientado por professor qualificado, a aprendizagem de metodologias de extensão universitária, bem como, estimular a interação bidirecional da Universidade com a sociedade na produção do conhecimento.

O citado projeto tem como público alvo educandos com idade de 07 a 15 anos, dentre seus objetivos destacam-se:

1. Envolver o público escolar das mais variadas condições sociais,

incentivando-os ao desenvolvimento de atividades de proteção ao patrimônio histórico-cultural indígena através da aquisição de conhecimento sobre seu valor e necessidade de preservação;

2. Oferecer formas criativas de extensão universitária a escolares através da participação do bolsista, contribuindo para o conhecimento do patrimônio histórico-cultural e formação de ações de preservação dos acervos etnológicos;

3. Potencializar as ações do Museu de Arqueologia e Etnologia através de atividades extramuros junto diversos públicos, contribuindo para a educação cidadã e estimulando ações de valorização do legado histórico cultural e preservação do patrimônio material e imaterial.

Peças do acervo MAE em Destaque

Arqueologia



Lâmina de Machado

Coleção: Vital Rego

Origem: Remanso - Bahia

Material: Gnaiss Aplítico (Sedimentos de granito)

Objeto com lâmina em forma semilunar perfeitamente simétrica estrangulada apresentando pendúculo rudimentar nas extremidades. O rebordo formado pelo extradorso da meia-lua serve de limite entre a lâmina e o talão, o perfil do talão em pronunciada curva, acentua-se pelo centro do intra-dorso até alcançar os extremos da lâmina, tornando o aspecto de suave modelado. O polimento é sempre perfeito em todo o artefato, confeccionado em rocha dura, como granito de grãos finos e o basalto. Este objeto tem grande importância e foi selecionado para representar o MAE/UFBA.

Diadema Vertical

Coleção: Pedro Agostinho

Origem: Parque Indígena do Xingu - Mato Grosso

Material: Penas e Fibras de Algodão

Em 25/08/1983 o objeto passou a compor o acervo permanente do MAE. É um tipo específico de cocar, com penas que se concentram de orelha à orelha. Composto por vinte e seis penas, o adorno pessoal plumário de cabeça foi feito com a técnica de amarração. A emplumação é feita ao longo de cordéis, em sentido horizontal, de penas médias e longas com enterpasse dos canhões sobre um cordel-base, amarradas com um atilho contínuo por meio de nó simples, que é dado pelo cordel-amarrilho que passa por trás do canhão de pena dobrado sobre o cordel-base e pela frente do canhão, sendo a ponta solta introduzida na laçada antes de abranger a pena seguinte.



Etnologia

Agenda Cultural

II Congresso Internacional de Museologia «Patrimônios e Acervos»

Na segunda edição do evento, os eixos temáticos versarão sobre as possibilidades de inserção dos museus na dinâmica social; sua integração no campo da educação; do turismo cultural e do desenvolvimento regional.

Data: 24 a 26/10/2012

Local: Museu da Bacia do Paraná - Maringá, Paraná

VII Workshop Arqueológico de Xingó (MAX/UFS), II Ciclo Internacional de Simpósios Temáticos e a II Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB)-Núcleo Regional Nordeste

Data: 15 a 20/10/2012

Local: Universidade Federal de Sergipe, Cidade Universitária

VI Encontro de Coordenadores e Profissionais de Educação. Tema: Museu e Escola no mundo globalizado

Data: 26/10/2012

Local: Museu da Misericórdia - Salvador, Bahia. 71 3322-7355

VII Colóquio História e Arqueologia da América Indígena

Data: 12 a 14/11/2012

Local: Depto. de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP

I Colóquio de História Antiga: Ensino e Pesquisa no Brasil - Laboratório de Estudos Egiptológicos/UFF

Data: 27 a 29/11/2012

Local: Universidade Federal Fluminense, Campus do Gragoatá, Bloco O

Curiosidades da história

Encontro entre o passado histórico e o futuro tecnológico

A Sé Primacial do Brasil ainda traz, mesmo após 79 anos de sua demolição, fascínio e curiosidade para quem conhece sua história. Em pesquisas sobre o assunto, na internet, podemos nos deparar com materiais bem interessantes, tais como um modelo 3D da Igreja. Este site, o Skyscraper city, traz em um de seus fóruns uma explicação sucinta sobre a Sé, com a trajetória arquitetônica, desde a construção até a atualidade e, em seguida, nos apresenta com uma modelagem 3D nas feições do séc. XVIII. O material virtual é postado entre 2008 e 2011, utilizando técnicas de computação gráfica, e baseado em imagens e registros históricos. Infelizmente não é possível acessar, através deste site, o modelo completo, mas já dá para se ter ideia do que era a Sé Primacial em tempos áureos. Vale

Por Aila Canto,
estudante de museologia e estagiária do MAE



ressaltar que a autoria do texto é dada com um nickname, e para saber a identificação do autor é necessário se cadastrar no site. Em tempos multimidiáticos e de overdose comunicacional, é reconfortante encontrar uma coerente ligação entre o passado - A Sé Primacial - e o futuro, no seu modelo tridimensional. Segue abaixo o link, e divirtam-se!
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1425200>

Livro em destaque



Organizado pelos professores Carlos Caroso, Fátima Tavares e Cláudio Pereira, o livro "Baía de Todos os Santos: aspectos humanos" foi publicado pela Editora da UFBA (EDUFBA) e traz 21 artigos separados por eixos temáticos: Eixo I: Formação Histórico-Cultural, Eixo II: Economia, Infraestrutura, Transporte e Desenvolvimento, e, Eixo III: Expressões Religiosas, Artísticas e Imaginário Baiano.

Os conteúdos permitem um aprofundamento sobre esta Baía nos aspectos históricos, políticos e econômicos em diferentes épocas, contribuindo para fazer pensar sobre o surgimento e desenvolvimento das muitas cidades do recôncavo baiano, suas relações com a cidade de São Salvador; a utilização de mão de obra escrava; as estratégias para defesa da cidade com os fortes margeados pela cidade de São Salvador; a religiosidade de matrizes africanas; os processos artísticos a partir desta Baía e de seus moradores; a diversidade das manifestações culturais; entre outros temas, revelando a literatura como possibilidade de encantos e descobertas.

Esta publicação muito contribui para repensar os avanços e recuos realizados desde a chegada do colonizador a estas terras, a participação dos primeiros habitantes na construção das identidades, o encontro das três principais culturas, e como este processo se desdobra na atualidade a partir de disputas que ora favorece e ora prejudica as populações.

Local de aquisição ou leitura:
MAE/UFBA

Preço: R\$120,00

Artigo

Os Sambaquis da Costa Brasileira

Por Gustavo Peretti Wagner*

A ocorrência de sítios arqueológicos costeiros compostos por uma matriz conquiológica é um fenômeno mundial fazendo-se presentes em países de todos os continentes, tais como Japão, Malásia, África do Sul, Senegal, Madagascar, Argélia, Egito, Moçambique, Portugal, Dinamarca, França, Inglaterra, Escócia, Alemanha, Estados Unidos, Guiana Holandesa, México, Argentina, Chile, Peru, Colômbia, Venezuela e Uruguai. Contudo, a área de concentração destes sítios são as latitudes temperadas, tornando-se mais esparsos quando em latitudes mais quentes ou mais frias.

No Brasil, os sítios concheiros receberam diversas denominações populares. “Sambaquis”, “minas de sernambis”, “minas de berbigões” ou simplesmente “minas” nos estados do Pará e Amazonas, “sernambis” no Maranhão, “ostreiras” ou “sambaquês” na Bahia e São Paulo, “berbigueiras” no Paraná e Santa Catarina, “casqueiros” no Rio Grande do Sul.

Os sambaquis do território brasileiro são conhecidos desde o século XVI, quando clérigos realizaram as primeiras crônicas da América portuguesa. Contudo, foi apenas no segundo quartel do século XIX, por iniciativa do Governo Imperial que as primeiras expedições científicas iniciaram estudos exploratórios. O próprio Imperador Dom Pedro II acompanhou pessoalmente as escavações dos sambaquis do Rio Sant'Ana, em Santos.

A concentração dos sambaquis situa-se nas regiões costeiras do sul e sudeste, desde o litoral do atual Estado do Espírito Santo até



Foto: Gustavo Wagner

Sambaqui da Serra Azul, litoral norte, RS, município de Arroio do Sal

o Rio Grande do Sul. As datações mais antigas foram encontradas nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, denotando uma ocupação que remonta ao sexto milênio antes de Cristo. Os sítios distribuem-se em enseadas protegidas, planícies arenosas dominadas por restingas, promontórios rochosos, mangues, áreas lagunares e estuarinas ou mesmo em grandes baías. Esta variabilidade é igualmente conferida à cultura material, caracterizando a variedade das estratégias adaptativas e a diversidade dos contextos culturais associados.

Existem referências a sítios concheiros nos estados das regiões Norte e Nordeste, tais como, Bahia, Maranhão e Pará, embora a presença de artefatos que indicam a confecção de cerâmica diferenciem estes sítios

dos sambaquis das regiões Sul e Sudeste. Objetos cerâmicos similares são comumente encontrados em sítios da Guiana, Venezuela e Colômbia, sugerindo uma origem cultural comum.

Na Bahia os sítios concentram-se em regiões estuarinas como em Santa Cruz de Cabralia, em regiões lagunares como Conde e nas baías de Camamu e Todos os Santos. As datações radiocarbônicas conhecidas indicam ocupações entre 4.000 anos antes do presente e o início da Era Cristã. As camadas de conchas atingem espessuras superiores a dois metros e sepultamentos humanos estão presentes. No Sambaqui da Pedra Oca, escavado por Valentin Calderón a cerâmica se faz presente desde 2.800 anos atrás.

Os instrumentos confeccionados em ossos de animais caçados e

*Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Mestre, Doutor e Pós-doutor em História pelo Programa de Pós-graduação em História naquela Instituição. Atualmente pós-doutorando junto ao Programa de Pós-graduação em Antropologia e pesquisador associado ao Museu de Arqueologia e Etnologia na UFBA.



Foto: Gustavo Wagner

Sambaqui da Marambaia, litoral norte, RS, município de Arroio do Sal

pescados são principalmente anzóis e pontas para flechas, arpões e lanças. No sul do Paraná e norte de Santa Catarina foram encontradas pequenas esculturas na forma de pombas, por vezes fixadas na ponta de bastões ósseos. Há ainda um animal marinho, provavelmente um mamífero (cetáceo) esculpido em osso do tímpano de baleia (bula timpânica).

Caracterizam-se por grandes acúmulos de conchas que chegam a alcançar 30m de altitude sendo, por vezes, ocupados por aproximadamente 2.000 anos ininterruptos. Alguns sítios possuem grandes concentrações de sepultamentos, levando pesquisadores a defenderem sua função cerimonial. Os esqueletos são geralmente acompanhados por ofertadas como instrumentos ósseos e líticos, lâminas de

machado polidas e zoólitos. Por outro lado, há evidências de canibalismo na região central do Rio de Janeiro.

As populações sambaqueiras são caracterizadas pela elaboração de objetos de pedra polida de alta qualidade estética. Nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina são encontrados pequenos pilões de pedra na forma de vasilhas, comumente utilizadas para o processamento de grãos, no norte Catarinense foram encontrados pratos em pedra intensamente polidos. Em todo o Brasil são característicos os pesos de rede e as lâminas de machado, bem como objetos de adorno pessoal para os lábios ou orelhas, todos esmeradamente polidos. Mas os artefatos de maior destaque são os zoólitos, esculturas em pedra polida na forma de animais, principalmente

aves e peixes, embora existam raros em forma humana (antropólitos), mamíferos terrestres e roedores. Até os dias atuais foram encontrados aproximadamente 300 zoólitos nos sambaquis brasileiros.

Embora existam ossos de baleias e cetáceos em diversos sambaquis, não há, até o presente momento, nenhuma evidência clara que estes tenham sido predados. É mais provável que sejam oriundos do abate de animais encalhados ou mesmo coletados na praia, trazidos pela maré. Sem dúvida as populações que construíram os sambaquis e sítios concheiros do Brasil foram pioneiras na exploração intensa da pesca e domínio das águas costeiras através do uso de embarcações, habilidades que lhes conferiram o título de pescadores-coletores dos sambaquis.